

A “ideia plana” e a repulsa ao Outro: o caso Bolsonaro(s)

The “flat idea” and the repulsion of the Other: the Bolsonaro(s) case

https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_4

Resumo:

Buscamos apreender a forma da ideia que modela o pensamento e a ação do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e dos seus filhos. Incluímos os filhos do presidente por conta de uma característica peculiar do atual governo brasileiro: Flávio, Eduardo e Carlos participam ativamente dos negócios da República, sejam influenciando o pai em decisões administrativas, por exemplo, na nomeação e queda de ministros, ou atuando juntos nas redes sociais da família com mensagens aos seus seguidores. Partimos das noções de verdade e opinião dos filósofos Leszek Kolakowski, John Dewey e Hannah Arendt; construímos a noção de ideia plana a partir das obras de Roland Barthes e Anselm Strauss e incorporamos a visão de autoritarismo e ideal totalitário pela literatura de Vassili Grossman, Edwin A. Abbot e Mikhail Bulgákov. A forma plana é o eixo de análise da pobreza de substância da ideia bolsonarista. Forma de fácil comunicação de sentidos, mas

fechada ao diálogo democrático. Ideia no singular porque remete à verdade única, não admitindo que outras ideias possam conviver no mundo da vida. Selecionamos momentos da performance dos Bolsonaros nos quais vemos como a política é adaptada e reduzida por essas figuras públicas às suas conveniências em um “egoísmo militante”.

Palavras-chave: Comunicação; Política; Filosofia; figuras públicas; eleições brasileiras.

Abstract:

We seek to grasp the idea that shapes the thoughts and actions of the President of Brazil, Jair Bolsonaro, and that of his sons, who were included in the study due to a peculiar characteristic of the current Brazilian government: Flávio, Eduardo and Carlos play an active part in the business of the Republic, either by influencing their father in administrative decisions, for example, in the appointment and removal of ministries, or acting together in the family’s social

networks by sending messages to their followers. We started from the notions of truth and opinion of philosophers Leszek Kolakowski, John Dewey and Hannah Arendt. We have constructed the notion of flat idea from Roland Barthes and Anselm Strauss’s works, and integrated the view of authoritarianism and totalitarian ideal based on the works by Vassili Grossman, Edwin A. Abbot and Mikhail Bulgákov. The flat form is the axis for the analysis of the poor substance of the Bolsonaro ideal. It is an easy form of communicating meaning, but closed to democratic dialogue. Idea is portrayed here in the singular, as it refers to the unique truth, denying the fact that other ideas can coexist in the world. We have selected specific moments of the Bolsonaro performance that show how politics is adapted and undermined by these public figures to their convenience, in a “militant selfishness”.

Keywords: Communication; Politics; Philosophy; public figures; Brazilian elections.

¹ Pedro Pinto de Oliveira é Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutorado em Comunicação e Artes na Universidade da Beira Interior (UBI) – Portugal. Pesquisador Associado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso – Brasil

Introdução

O presente artigo começa por observações que julgamos necessárias. Nosso estudo não tem a pretensão de recuperar e analisar a performance do presidente Jair Bolsonaro e dos seus filhos construindo uma linha do tempo, desde a posse em janeiro de 2019. Os momentos e seus homens, ao modo *goffmaniano*, são apresentados aqui em relação ao que efetivamente nos interessa tratar: as formas da sua ideia. Os momentos do pensamento posto em ação que apreendemos para a apresentação do nosso estudo não seguem assim, necessariamente, uma ordem cronológica ou traços específicos de cada performance dessas figuras públicas que ocupam hoje o poder central do Brasil. São pinçados por serem, ao nosso entendimento, emblemáticos de uma nova forma de comunicação política e de suas implicações no processo democrático nacional.

Uma segunda observação é com relação aos momentos de escritura desse texto de apresentação dos achados da nossa pesquisa. Um primeiro resumo foi base da nossa comunicação para o XI Congresso da

Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), realizado em novembro de 2019 em Funchal, na Ilha da Madeira. A redação final do artigo foi concluída em 2020, em meio à pandemia do coronavírus no Brasil, incorporando a análise de novas *situações problemáticas* envolvendo o presidente e seus filhos.

Uma última observação: nosso estudo tem por um dos objetivos compreender como ideias gerais da política - autoritarismo, totalitarismo, populismo e messianismo - são singularizadas pelos sujeitos em exame. Observar o modo como significam e dão forma em coisas particulares à ideia de mundo que estabelecem. Pela noção da forma podemos dar a ver esse sistema de relações entre o geral e o singular. Portanto, os conceitos políticos aparecem aqui apenas para situar essa dinâmica reflexiva. Em desdobramento, ao tratar desses indivíduos, no particular, analisamos a conduta e o caráter deles na relação com o Outro.

No percurso do artigo, trabalhamos as noções de autoritarismo e totalitarismo de autores da literatura que abordam aspectos da relação de força

e fraqueza de governos que se apoiam no recurso cotidiano da violência explicitada em gestos e palavras; definimos o que chamamos de ideia plana a forma do pensamento e da ação que o bolsonarismo assume no processo de comunicação; mostramos como o discurso é instrumentalizado pelo presidente e seus filhos e, por último, fazemos uma reflexão sobre a relação de ideia plana com verdade única e as consequentes implicações negativas para a *democracia comunicada*.

A fundamentação a seguir é apresentada na forma de uma montagem de sequências de *flashes conceituais* que marcam nosso fio condutor. Seleccionamos e situamos, com essa formulação, aspectos da essência de cada noção aplicados à análise proposta.

Ideia, forma e conteúdo

A noção de ideia de que partimos é de Aristóteles. Ideia como forma, segundo o filósofo, é certamente real na medida em que é substância das coisas. Dito de outro modo, consideramos que a ideia assume formas no real, uma relação entre essência e existência. E acrescentamos que a

ideia marca uma possibilidade, uma antecipação da atividade humana, vistas a partir da comunicação. Na interseção da comunicação e política, enfatizamos ainda a relação entre o espaço público no qual os homens devem se reconhecer como cidadãos e as relações de poder, conflitos, intervenções e, especialmente, do jogo de formas e conteúdos que a política assume em suas estratégias comunicativas.

Como aponta Vera França (2000), por certo é o conteúdo que está em jogo em última instância, natureza da relação que se realiza, também, enquanto relação comunicativa onde emergem as formas das ideias postas em ação. Destacamos, portanto, nesta proposta de análise, a importância de enfatizarmos, evitando dualismos, exatamente a junção entre forma/ conteúdo pela visada comunicacional.

E é essa dupla natureza, e a caracterização de um “conteúdo político” e uma “forma comunicativa” que facilita o equívoco de pensá-los separadamente (e/ ou anular um dos dois). Tal conteúdo (de disputa, intervenção,

construção de um mundo comum) só se realiza (ganha vida) enquanto forma; as formas são sempre forma de algo que só ali, naquela configuração, ganha realidade – ganha tal realidade. (França, 2000, p. 21)

O ideal totalitário

Segundo Vassili Grossman (2019), o *ideal totalitário*, de qualquer viés ideológico, seria, para os seus defensores, a forma mais “alta de humanidade”, colocando os sujeitos a seu serviço: dividem as pessoas puras, que merecem a vida, e as impuras, indignas de viver. Essa comunicação pelos gestos e palavras de apelo à violência, base da interação entre líderes populistas de viés totalitário e o seu público cativo, precisa ser contínua. O totalitarismo não pode renunciar à violência porque perece. Vive a tensão entre força e fraqueza, posto que a aspiração do homem à liberdade pode ser reprimida, mas não exterminada, conforme nos diz Grossman em seu livro *Vida e Destino*.

A característica principal do *ideal totalitário* é, portanto, ser dependente

da ação contínua de gestos e palavras de força e violência. Sem essa continuidade, perece pela falta de dar-se a ver e reverberar. Da tragédia da guerra pelo drama de Grossman à sátira e crítica social de Edwin A. Abbot, já o autoritarismo é apresentado pelas formas de distinção entre os grupos sociais. Publicado em 1884 na Inglaterra, *Planolândia*, de Abbot (2002), é uma crítica da época, estagnada, hipócrita, sexista, cheia de fanatismos e preconceitos. O mundo autoritário de uma única dimensão, plana.

O bolsonarismo, que exibe a pose da mão fazendo “arminha”, símbolo da glorificação da bala e do desejo de armar seus seguidores, necessita estar sempre testando a sua força e os limites das instituições democráticas. Os argumentos rasos são repetidos pelos seguidores: “O presidente precisa de liberdade para governar!”. Liberdade significa sozinho, com autoridade plena, sem o contrapeso dos demais Poderes. Os gestos e palavras autoritárias, nas suas formas rasas, simplórias, não se abrem para qualquer contraditório. E por princípio da repetição e orquestração, as mensagens são compartilhadas em fluxo

contínuo pelos fiéis seguidores nas redes sociais e em atos públicos anticonstitucionais e antidemocráticos.

O *ideal totalitário* e o autoritarismo estão contidos no populismo ao modo Bolsonaro, que se apresenta com algumas características particulares e outras mais gerais: contestação do sistema e anti-ideologia; traços de autoritarismo – militarismo, apelo à cultura da arma e fortalecimento da educação militar; traços de totalitarismo – nostalgia da ditadura e louvação à tortura – e uma lógica proporcional.

A lógica proporcional do presidente Bolsonaro se apresenta em duas vertentes, uma de caráter pessoal da figura pública e outra da posição política assumida por ele. Jair Bolsonaro passou 28 anos como deputado federal, cargo cuja eleição é proporcional, ou seja, depende apenas de uma porção dos votos em disputa, falando apenas para uma parte do eleitorado. Postura absolutamente diferente da do político que concorre a cargos majoritários, que precisa sempre ajustar o seu discurso para falar com a maioria dos eleitores. Para o cargo de deputado federal, portanto, Bolsonaro nunca

precisou ajustar seu discurso para acolher um universo maior do que a sua porção eleitoral suficiente para as sucessivas vitórias parlamentares.

Na eleição presidencial de 2018, ele continuou falando diretamente pelas redes sociais com seu eleitorado, mas acabou conseguindo atrair outros segmentos sociais que o consideraram, no contexto daquele pleito, a única opção de voto. Favorecido ainda por não ter passado por nenhum teste da sua ideia, numa inédita eleição brasileira, desde a redemocratização, disputada sem a realização de qualquer debate entre os candidatos no segundo turno.

Na presidência, Jair Bolsonaro mantém a sua lógica proporcional, orientando-se pelas reações das redes sociais e no atendimento preferencial aos seus grupos de apoio: policiais, militares, garimpeiros, evangélicos, ruralistas e caminhoneiros. O resto da sociedade é vista como complemento de ocasião.

Bolsonaro construiu uma trajetória individual, sem nenhuma fidelidade partidária, trocando de partidos ao sabor das suas conveniências de momento. Sempre pensou em si antes do Outro. Um sincero

egoísmo, a prioridade é o plano pessoal e familiar. Esse traço de caráter ganhou mais visibilidade agora como presidente. Ele se mostra incapaz, e claramente desinteressado, em formar grupo político ou estimular a prática partidária. Sua atuação é individual, conduzida abertamente apenas pelos seus interesses políticos e dos seus filhos. Os aliados são meros agregados de ocasião, sempre colocados em uma categoria de submissão. São os seus “aliados-seguidores”, submetidos ao controle da família Bolsonaro.

A ideia plana

A ideia de Bolsonaro é uma verdade única, não permite que as dimensões plurais possam ser aprofundadas pelos jogos de linguagem de defesa ou contestação. Seu discurso de campanha eleitoral de 2018 foi uma coleção de *slogans*: “para mudar tudo o que está aí”; “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” e “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, repetidos *ad nauseam*. Como de resto no cotidiano da sua comunicação desde o início do seu mandato. A ideia que move seu discurso assume

uma forma plana, redutora, fechada ao diálogo com o Outro.

Outro aspecto do termo “plano” utilizado em nosso estudo é a natureza dos argumentos formados no senso comum; em juízos ancorados no passado e na opinião apartada do fato. Essa condição é vital para a comunicação fácil com seus públicos. Segue a moral costumeira de padrão e regras de conduta nos hábitos ancestrais e compreensão simplificada. Não admite a moral reflexiva que apela para a consciência, a razão e algum princípio que inclua o pensamento, integrando e comparando ideias divergentes.

As formas da comunicação do Mito

Roland Barthes (1993) afirma que o significante do mito apresenta-se de uma maneira ambígua: é, simultaneamente, sentido e forma, pleno de um lado, vazio de outro. O sentido já está completo, postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, ideias e decisões.

O mito é uma fala despolitizada. Naturalmente é necessário

entender: política no sentido profundo, como conjunto de relações humanas na sua estrutura real, social, no seu poder de construção do mundo; é, sobretudo, necessário conferir um valor ativo ao sufixo des: ele representa aqui um movimento operatório, atualiza incessantemente uma deserção (Barthes, 1993, p. 163).

O autor aponta para a falta de profundidade que este tipo de comunicação assume na construção de um “mundo plano”:

*Passando da história à natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque **sem profundidade, um mundo plano** (grifo nosso) que se ostenta em sua evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias* (Barthes, 1993, pp. 163-164).

Os embates terminológicos do discurso do (s) Bolsonaro (s), colocados em prática desde a campanha, são exemplos desse esvaziamento do debate. Não é certamente uma estratégia nova ou original. Muito do que é feito hoje no campo da política aplicada às redes sociais é mais do mesmo: velhas táticas de propaganda, calcadas em falácias clássicas, formatadas para as novas plataformas tecnológicas. É onde o radicalismo ocupa hoje o espaço público, onde a ideia plana toma a forma comunicacional moderna.

Nos embates terminológicos, nomear é conhecer, impor valores e intervir no léxico. Os grupos oponentes podem criar palavras novas ou reduzir a um significado único as palavras antigas. *Isentões; Bolso-minions; Ideologia de gênero; Bozo; Coxinha; Petralhada* ou *Presidente Miliciano*, entre outras. Essas são “palavras-veneno” como define Serge Tchakhotine (1967), criadas em nosso contexto brasileiro por diferentes matizes ideológicos e originadas em diferentes momentos. Foram reunidas aqui como exemplos de um registro: um embate redutor não é primazia de um espectro político e se fortalece à

medida que o adversário se enquadra neste jogo esvaziado, raso, da repetida troca de xingamentos. O cinismo e o rancor são sentimentos que podem aparecer intensamente no campo de batalha da retórica da verdade única.

A retórica, conforme afirma Anselm Strauss (1999), é por excelência a região da disputa, do insulto, da injúria, da altercação, do bate-boca, da malevolência e da mentira, malevolência disfarçada e da mentira subsidiada, ou seja, dos argumentos rasos cuja única utilidade é reverberar a força da ideia única:

O pressuposto que embasa qualquer depreciação dos argumentos dos opositores é que a situação é o que é, e os opositores sabem o que é mas negam ou escondem o fato com franca consciência. Quando a malevolência ou o interesse pessoal parecem improváveis, então pode-se afirmar que foi a cegueira ou a estupidez que sujou as águas. Pensem em qualquer questão pública que está sendo debatida atualmente com intensidade e verão a ilustração do que afirmei. (Strauss, 1999, pp. 45-46)

A ideia plana dos Bolsonaros é como a propaganda fascista: ataca fantasmas e emprega a lógica discursiva na qual exposições oratórias assumem o que poderia ser chamado de um voo organizado e rasante da sua verdade única. A vinculação de ideia é de mera semelhança e conduz a um fluxo de palavras formatadas para conduzir os seguidores a uma condição de adesão, repetição e conformismo. Aderir passivamente sem discutir; repetir para se sentir participante de um “projeto de vida” e se conformar com a inevitabilidade de um mundo que não tem alternativas fora da verdade única.

Para Gil Baptista Ferreira (2002), o uso das palavras de ordem, de fácil comunicação, chamadas por ele de “jargões”, tem a força persuasiva e atrativa de dar unidade aos seguidores, que passam a ser mais um entre tantos que comungam da mesma crença radical: “Por isso mesmo, a mais importante vantagem do jargão é funcionar como certificado de boa reputação, ou seja, é ele que permite ser o “homem entre os homens.” (Ferreira, 2002, p. 108).

Ainda que usem as novas formas da tecnologia digital, a estratégia

A mais importante vantagem do jargão é funcionar como certificado de boa reputação, ou seja, é ele que permite ser o “homem entre os homens”

comunicativa bolsonarista se assenta em velhas fórmulas radicais: renúncia às considerações morais e apelo à emotividade pelo impulso de combatividade, luta contra os adversários, numa guerra sem fim, para “destruí-los”.

A repetição da ideia em diferentes formas é um princípio fundamental da propaganda fascista. Outro princípio que é visto hoje criado e aplicado pelo clã Bolsonaro é a constante louvação ao líder, o mito condutor das massas, ou, ainda individualizando, na instilação do ódio ao indivíduo considerado o inimigo do momento: “A propaganda apaixonada emprega também *slogans* que procuram concentrar o ódio ou a simpatia sobre só uma pessoa, que aparece então às massas como responsável por essa ou aquela política. (Tchakhotine, 1967, p. 374).

Verdade única

Confrontos baseados no “tudo ou nada”, a alternativa entre a salvação total e a total condenação, a ideia de que uma única coisa tem realmente e que a vida deve ser subordinada inteira a esse valor, constitui a

característica fundamental da doutrina de Cristo. Todos os mandamentos morais são provenientes daí. Como nos diz o filósofo Leszek Kolakowski (1985), “a proximidade do Juízo Final coloca, de uma maneira urgente e irrevogável, a questão da última escolha”.

Kolakowski situa sua reflexão a partir de uma distorção das formas para o que chama de ditadura da verdade única: um “círculo quadrado”. O que gera uma repulsa ao Outro, porque não se admite tolerar aquele que é dado como “inimigo”, qualquer um que apresente o mundo como um lugar da pluralidade de ideias:

Um dos argumentos de origem platônica mais importante e mais frequentemente invocado contra a tolerância é o seguinte: “só existe uma verdade” ou “só existe um bem”. Este argumento tem como aplicação afirmações, tais como: a ciência não tolera contradições, e tolerar opiniões contrárias à ciência significa aceitar o falso; ou então: a tolerância não se estende aos inimigos, sob pena dela própria se destruir. (Kolakowski, 1985, p. 62)

Certamente bem antes do retorno às discussões sobre o terraplanismo, tema trazido hoje ao país pelo bolsonarismo, o filósofo reduz o risco desse tipo de discussão se comparado ao perigo maior da ideia plana: quem tem o controle e a certeza do que pode ser considerado justo. Por essa certeza fala e age contra os inimigos dessa justiça.

O perigo que se corre, aceitando os partidários da terra plana, é infinitamente menor do que aquele que ameaçaria a sociedade se fosse preciso estabelecer regras gerais, definindo as opiniões “justas” que não podem ser colocadas em dúvida. Aquele que pretende que só o que é “justo” pode ser tolerado pressupõe evidentemente que ele saiba com toda certeza o que é justo (tanto no domínio da verdade como no dos valores) e que seu saber não pode ser questionado sem colocar em perigo a “verdade”. (Kolakowski, 1985, p. 63)

Para Kolakowski, os desdobramentos da ação justificada pela ideia plana apontam para os maiores perigos para uma democracia:

A utopia da sociedade sem conflitos instaura a ditadura das opiniões “justas” alegando que essas opiniões só são compartilhadas momentaneamente por uma minoria, mas que esta, pela razão de seu privilégio de ideias justas, poderia reclamar a supremacia e o monopólio institucional. Isto significaria que a sociedade poderia ser obrigada pela violência a adotar uma opinião “justa” ou valores “reais”. Ora, afirmo que a ideia da ditadura de uma opinião justa ou de valores “objetivos” é uma espécie de círculo quadrado: no que concerne aos valores e ao conhecimento social (o conhecimento que a sociedade tem dela mesma) a ditadura é sempre uma ditadura de falsidade (Kolakowski, 1985, p.65)

A performance de Bolsonaro em seu populismo apresenta-se com o viés da rejeição ao exercício da *democracia comunicada* em sua plenitude. A verdade única expressa nos argumentos radicais construídos a partir da ideia plana tem potencia persuasiva que não podemos ignorar. Ao contrário,

é a partir dessa força que devemos situar nossa reflexão crítica. Suas características de apelo ao comum, à crença religiosa, à autoridade do líder ou à tradição cristalizada, articulam a inevitabilidade do mito como a única opção política, ou que a própria política se resume à verdade única.

O *ideal totalitário* tem por natureza a rejeição às ideias plurais, não admitindo que os conflitos sejam a base de uma coexistência da sociedade. É claro que existem interesses conflitantes, de outra forma não haveria problemas sociais, como ressalta John Dewey (2008) – cuja preocupação em sua obra era exatamente com um tipo de poder, o totalitário –, sugerindo que conflitos são o cotidiano do ser/viver em democracia:

O problema em discussão é precisamente como reivindicações conflitantes devem ser resolvidas no interesse da mais ampla contribuição possível aos interesses de todos – ou pelo menos da grande maioria. O método da democracia – na medida em que ele é aquele de inteligência organizada – é expor abertamente esses conflitos

onde suas reivindicações especiais possam ser vistas e avaliadas, onde elas possam ser discutidas à luz de interesses mais inclusivos que são representados por qualquer um deles separadamente. (Dewey, 2008, p. 117).

Hannah Arendt aponta para a necessária aproximação e reconhecimento do Outro, movimento e condição que o bolsonarismo repulsa:

Se a verdade de fato é sempre relativa a várias pessoas, em acontecimentos e circunstâncias nos quais muitos estiveram implicados, ela é estabelecida por testemunhas e repousa em testemunhos, mas existe apenas na medida em que se fala dela, sendo política por natureza. (Arendt, 1995, p. 24)

Falar da verdade é construir sua existência e falar sem ouvir o Outro é o gesto autoritário da exclusão. Arendt lembra que mesmo podendo distinguir fatos e opiniões eles não se opõem uns aos outros porque pertencem ao mesmo domínio:

Os fatos são a matéria das opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e diferentes paixões, podem diferir largamente e permanecer legítimas enquanto respeitarem a verdade de fato. A liberdade de opinião é uma farsa se a informação sobre os fatos não estiver garantida e se não forem os próprios fatos o objeto do debate. Por outras palavras, a verdade de fato fornece informações ao pensamento político tal qual a verdade racional fornece as suas à especulação filosófica. (Arendt, 1995, p. 24)

O fato é o maior pavor dos Bolsonaros, porque pode, necessariamente, levar ao teste da ideia, obrigando o aprofundamento do debate que desloca os seus argumentos rasos. É diante do fato que o mito treme, faz o messianismo ter que encarar o conflito, a coexistência entre diferentes pontos de vista, aos embates das ideias que obriga que elas tomem forma e conteúdo de um pensamento reflexivo. Ter que ir para além de uma superfície plana e segura, como ressalta o jornalista e historiador Timothy Garton Ash:

Os fatos são subversivos. Eles subvertem as alegações feitas tanto por líderes eleitos democraticamente como por ditadores, biógrafos e autobiógrafos, espiões e heróis, torturadores e pós-modernistas. Subvertem mentiras, meias verdades, mitos e todos aqueles “discursos fáceis que confortam homens cruéis”. (Ash, 2011, p. 13).

Woland, o diabo no romance, de Mikhail Bulgákov, *O Mestre e Margarida* (2019), comédia de humor negro como uma alegoria místico-religiosa, que ridiculariza e pune o egoísmo dos indivíduos, expõe, em uma das suas frases, a fraqueza dos donos da verdade postos diante do fato que resiste e confronta: “É o fato é a coisa mais teimosa do mundo.” (Bulgákov, 2019, p. 276).

Truculência contra o pensamento crítico

O discurso modelado a partir da ideia plana dos Bolsonaros é reação de força com o uso da violência verbal contra tudo e todos que ousem testar

a verdade única pelo aprofundamento democrático do diálogo. Se há uma ideia concorrente ou se há uma postura de teste da verdade, a reação é sempre de negação, nunca deixar a trincheira de defesa da linha rasa da sua comunicação. Na prática, agem promovendo em suas redes sociais a repulsa às instituições e aos profissionais de natureza crítica e de reflexão: o Jornalismo e jornalistas; a Arte e os artistas; a Ciência e os cientistas e a Academia e os intelectuais.

O pavor é de ser instado ao teste da ideia: aprofundar a discussão sobre qualquer fato. O presidente Jair Bolsonaro, em suas coletivas caóticas à porta do Palácio do Planalto, jamais respondeu a mais de três perguntas sobre uma mesma questão. Corta a palavra encerrando a entrevista, algumas vezes xingando os jornalistas de idiotas e mandando-os calar a boca, excitando a claqué presente. A ideia plana não admite qualquer discurso que seja crítico ou que se oriente pela *democracia comunicada* ao modo *deweyano*.

Os argumentos baseados na ideia plana tomam formas simplificadas e de fácil repetição no contexto digital.

Reiteramos algumas características dessa estratégia comunicativa: linguagem ofensiva ao Outro, onde a força é exercitada pela violência verbal; apelo ao comum na interação com os seus seguidores; xingar e “diabolizar” os adversários reais e imaginários, na base do “nós x eles”; uso de metáforas populares quando a intenção é criar empatia: futebol, casamento, namoro; falar da política de maneira diferente, compreensível, cotidiana e concreta - e a poderosa chave persuasiva do acionamento de emoções: ressentimentos, ódios, desejos de mudanças, crenças religiosas e volta a um passado idealizado.

Os Bolsonaro em ação

Dois aspectos importantes devem ser destacados. É sempre bom lembrar que o uso instrumental das redes sociais por parte do clã Bolsonaro começou bem antes da eleição de 2018. Na eleição presidencial, a família fez uso de um conhecimento acumulado de eleições passadas. Eles já tinham experiência de campanhas via internet em eleições estaduais e municipais, quando a comunicação digital

ainda era uma experimentação antes de ser o principal espaço da política na atualidade. Eles estão absolutamente adaptados ao ambiente da vida digital para a comunicação política. Isso fez e ainda faz diferença a favor do clã, hoje com o acréscimo do novo patamar de poder conquistado com a eleição de presidente da República.

Essa experiência digital acumulada é, entretanto, cercada de suspeição de ilícitos cometidos. O uso criminoso das redes sociais na eleição de 2018 e continuando durante o mandato presidencial é objeto de investigação na justiça brasileira. Até agosto de 2020 existiam pelo menos 12 investigações contra o presidente Bolsonaro e seu entorno familiar, de assessores e apoiadores. Algumas estão ligadas diretamente ao contexto digital: investigações que apuram o abuso de poder econômico na contratação irregular do serviço de disparos em massa de mensagens pelo aplicativo *WhatsApp*; o hackeamento de contas de adversários e criação de redes de contas falsas no Facebook; disseminação de fake news; ataques à democracia e ameaças contra ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

O outro aspecto é quanto à natureza das formas de comunicação nas redes sociais, favoráveis à disseminação da ideia plana. As formas da comunicação nas redes sociais são adequadas à repetição dos argumentos rasos. O *Twitter* estimula as publicações de textos curtos; os memes são itens digitais que compartilham características comuns de forma/conteúdo ligeiro e superficial, e as *lives* no Facebook são controladas pelos produtores do conteúdo.

A estratégia comunicativa acionada tem sempre como meta falar preferencialmente com os seus seguidores. Tal estratégia tem duas implicações. Se de um lado fortalece o vínculo com os seus enquanto uma repetição sem fim, o mais do mesmo esperado, de outro lado acaba transformando-se numa armadilha. No longo prazo, tem-se mostrado uma estratégia limitadora, porque não alcança outros públicos. E, principalmente, porque a ideia plana é uma verdade única, encontrando dificuldades práticas numa sociedade ainda democrática, tendo que conviver e enfrentar situações de embates com outras ideias. Neste caso, o cuidado é o controle

das situações, de não se abrir para o aprofundamento do debate que venha significar o reconhecimento do Outro. Seguir os mandamentos autoritários: evitar o diálogo e manter viva a chama da guerra permanente contra os adversários.

Alguns exemplos são emblemáticos da firme recusa de colocar em debate a ideia bolsonarista. Como foi o caso do deputado federal Eduardo Bolsonaro, chamado pelo próprio pai de filho 03, que orientou os seguidores como interditar um conflito de ideias, descartando qualquer possibilidade de dialogar, de reconhecer e ouvir o Outro. Em um evento presencial, realizado na cidade de São Paulo em outubro de 2019, que reunia seguidores bolsonaristas, o deputado orientou como a ideia plana pode ser defendida a partir de uma tática que não abra o diálogo. Disse aos apoiadores para que, no caso de serem instados a dialogar, façam memes sobre os oponentes em vez de entrar em discussões acaloradas a sério: “Se a pessoa “se sentiu”? Faça memes, como eu fiz”! (Guimarães, 2019).

O vereador pelo Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro, o filho 02, é tido

como o estrategista digital do presidente. A ele cabe a criação e colocação em prática nas redes sociais da tática de ataques em repetição, da manutenção da tensão. Os alvos são escolhidos pela ocasião: ministros do Supremo Tribunal Federal (STF); lideranças do Congresso; jornalistas e, muitas vezes, membros do próprio governo do pai. Os Bolsonaros não tem nenhum pudor em atacar também seus aliados - todos são descartáveis à medida do interesse da família.

Carlos Bolsonaro tem uma característica peculiar: não “fala”, só digita. Existem raros registros da sua voz em arquivos que circulam na Internet. Sua comunicação se dá quase que exclusivamente em tuítes, textos curtos e confusos. Normalmente são senhas para a sanha dos seguidores fiéis que reverberam o discurso formulado a partir da ideia plana: Jair Bolsonaro é a verdade, a única verdade. No controle das redes sociais, o filho Carlos promove a disseminação da ideia plana. Quem se coloca na dissidência da verdade única ou quem tenta argumentar com outras ideias enfrenta a agressividade do “Carluxo”, como é chamado pelos seus adversários.

O filho 02 aciona preconceitos de diversa ordem usados com costumeira violência verbal contra os adversários reais ou imaginários. Dependente da exibição de força, o bolsonarismo precisa alimentar essa truculência entre seus seguidores:

O mundo não gira em torno do próprio umbigo, nem dos coleguinhas “intelectuais” que usam calcinha rosa e brincam de cabra cega no quarto escuro. As eternas prostitutas do poder, do dinheiro e não se importam com nada além disso. (@CarlosBolsonaro – 04/01/2019)

Às vezes, inverte a lógica, assumindo uma posição de vítima de perseguição ou quando insere argumentos de fundo religioso que não combinariam com o repertório de palavras agressivas e, por isso, o tom precisa ser suavizado:

A mídia citou em tom crítico a participação de pessoas conservadoras e cristãs no Ministério que trata de Direitos Humanos. 2 pontos: é claro o preconceito

contra quem professa sua fé e a ignorância sobre o importante papel social do cristianismo na promoção dos direitos humanos. (@CarlosBolsonaro – 06/01/2019)

Os aliados também podem virar alvos, na variante dos interesses da família, e o grau de agressividade dos ataques é a mesma dedicada aos adversários. Aqui, Carlos Bolsonaro dirige seus ataques a um ex-aliado que deixou de seguir o rito de submissão ao “mito”:

*Quando é para usar minha casa e meu telefone para chegar perto do presidente parece uma **cadela no cio** (grifo nosso)! Diz defender Bolsonaro, imagino quem não defende! Se dizia Márcio França, quando Dória venceu, foi voando “conversar”, mesmo contra o Presidente! Conheço sua laia, **canalha** (grifo nosso).* (@CarlosBolsonaro – 13/10/2019)

Conforme verificamos, Carlos prefere digitar mensagens nas redes porque tem o controle do que comunica, sem se expor a um diálogo livre. Nas

raras ocasiões onde ele aparece em vídeos são registros de suas falas nas sessões na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Tais intervenções são momentos onde ele, a exemplo do pai, dominado pelo fascínio do deboche, marca também do seu caráter, ofende os adversários com apelidos jocosos, como na sessão de 26 de junho de 2019: “O cabeça de balão do PT, o fofinho do PSOL e a verdade” (Facebook, 26 de junho de 2019).

Em uma aparição mais rara ainda, Carlos Bolsonaro foi entrevistado em 13 de março de 2019 pela jornalista Leda Nagle. O título da entrevista é francamente favorável à criação de uma imagem mais simpática do marqueteiro digital do clã familiar, “Carlos Bolsonaro: o Pitbul não morde”. A ênfase da entrevista é o desabafo de Carlos sobre o episódio da facada sofrida pelo então candidato Jair Bolsonaro em 2018. Emocionado, Carlos chega às lágrimas contando os momentos de medo diante da possibilidade de o pai morrer.

Carlos cobrou na entrevista um sentimento de humanidade dos Outros em relação ao drama vivido pela família Bolsonaro. Como não se

sensibilizar com o momento de dor do filho diante do pai com “as vísceras para fora do abdômen”, argumentou ele, cobrando generosidade e solidariedade. Visto em retrospecto, não afasta a crítica ao egoísmo de pai e filhos. Na tragédia particular deles, cobrou-se, aos prantos, solidariedade, respeito e humanidade. Na tragédia coletiva de milhares de brasileiros mortos pela Covid-19, não se viu qualquer gesto efetivo de solidariedade, respeito e humanidade do vereador Carlos Bolsonaro, dos irmãos ou, principalmente, do pai-presidente. Nenhuma lágrima foi derramada pela dor dos Outros.

Se Carlos “brilha” nas redes sociais, agressivo e debochado, na reverberação da ideia plana, a performance do senador Flávio Bolsonaro, o 01, tem, em comparação com os irmãos, menos visibilidade e protagonismo. Flávio é o “filho do silêncio”. Ele pouco fala e pouco escreve em relação aos irmãos e ao pai. Suspeito de esquema de corrupção durante o mandato de deputado estadual na Assembleia do Rio de Janeiro e de ligação com as milícias cariocas, Flávio Bolsonaro, sob o cerco de novas denúncias e investigações, raramente

aparece como protagonista na cena política, reservando-se a um papel mais discreto, bem diferente do pai e dos irmãos também políticos.

Messias

Uma das características da performance de Bolsonaro, desde a campanha, é o apelo à crença religiosa, ao uso da fé na política. O episódio da facada ocorrido durante a campanha eleitoral ainda hoje é usado como um sinal divino: o homem Jair teria sido protegido da morte porque foi escolhido para guiar o Brasil em favor do povo de Deus. Ele é glorificado, chamado de “Mito” pelos seus seguidores fiéis.

O apelo ao messianismo fala, em especial, com o segmento de seguidores mais religiosos. Expande a ideia de verdade única transubstanciada na própria figura pública adorada. Essa condição de messias é explorada politicamente de maneira sistemática e constante pelo atual presidente da República como marca de distinção em relação aos outros políticos.

O discurso do presidente conformado pelo messianismo é incorporado à performance e potencializa a força

da autoridade e da palavra da verdade, justificando a cruzada contra infiéis - os adversários políticos. Os líderes messiânicos ganham o poder de fala como um novo Deus. Bolsonaro assume o papel do messias que não mente, não se engana e não se corrompe. Sua ideia não pode ser confrontada. Ela é a verdade única, plena, plana. A ideia do líder messiânico é a única perspectiva da realidade.

Uma passagem emblemática do presidente mito que desfruta da relação direta com Deus foi uma fala para jornalistas em outubro de 2019. Ele apela para a verdade que salva, expressa, claro, na sua palavra e juízo. Acostumado a demonstrar raiva, agressividade e a cometer grosserias contra os jornalistas, como mandar calar a boca ou xingá-los de idiotas, nesse instante “religioso”, o presidente precisou dar um tom mais suave, disfarçando uma certa tolerância para com os profissionais “hereges”:

Deixa eu orar aqui agora. Não sou pastor, não. Meu Deus, lave a cabeça dessa imprensa fétida que nós temos. Lave a cabeça deles, bote coisas boas dentro da cabeça,

[para] que possam perguntar, me ajudar a publicar matéria para salvar nosso Brasil. Eles não viam problemas em governos anteriores. Vamos ajudar o Brasil. Vocês são importantíssimos para salvar o Brasil. Parem de perguntar besteira. (www.gospelprime.com.br/09/10/2019)

As fraquezas políticas e de caráter de Bolsonaro emergiram de maneira mais evidente para a sociedade quando nos vimos diante de um acontecimento – enquanto uma ocorrência desencadeadora de sentidos: a pandemia do coronavírus. Tal acontecimento mundial alterou o cotidiano local até então controlado pelo bolsonarismo, obrigando-o a entrar no campo minado para o seu autoritarismo, o conflito de ideias. A consequência de uma performance fora do seu quadro de controle foi a visibilidade ampliada dos traços de caráter: preconceitos, deboches e agressividade. O governante fragilizou-se em um contexto no qual a autoridade passou a ser questionada diariamente. O acontecimento fez revelar, também, a sua inapetência de liderar o país para superar a crise de saúde.

Prisioneiro do deboche, marca do seu caráter, Bolsonaro fez seguidas piadas de mau gosto com a dor de familiares e amigos das vítimas da pandemia. Construiu uma narrativa intencionalmente errática, abrindo espaços para escolher quais os melhores argumentos futuros, focada em viabilizar o discurso eleitoral, visando 2022. E dedicou a maior parte do tempo para criar crises diversionistas, em especial na área da saúde.

Em analogia, o “*E daí?*”, ao ser perguntado sobre o crescente número de brasileiros mortos pela Covid-19, e o “*pretendo beneficiar filho meu, sim...Se puder dar filé mignon para o meu filho eu dou*”, no caso da tentativa frustrada de nomear o filho Eduardo Bolsonaro embaixador em Washington, situam o caráter do indivíduo que pensa, sempre, primeiro em si e nos seus. Na dimensão desse egoísmo militante, a repulsa ao Outro é um sentimento naturalizado na prática política da sua verdade única.

Força e fraqueza

A relação entre o que falam e como a ideia toma forma no processo

de comunicação dos Bolsonaros e os seus públicos, ao fim e ao cabo, aponta para a construção de um sistema de símbolos que se mantém vivo na absoluta rejeição do reconhecimento e coexistência com outros sistemas. *O Mundo Bolsonaro* é, assim, o mundo único da vida. Eles inculcam a ideia de verdade única que impõe a ausência do debate democrático. Desprezam a ideia de que a política deve ser orientada por um bem comum e submetida a finalidades morais coletivas.

Em simultâneo, os Bolsonaros expõem, vistas na performance, tanto a pobreza da substância de sua ideia quanto a força comunicativa do “falar igual a gente”, do tornar comum, parecer o outro, e entrar na intimidade dos sujeitos, também, pelas vias de suas fragilidades e dificuldades de leitura da realidade.

Referências bibliográficas

- Abbot, E. A. (2002). *Planolândia um romance de muitas dimensões*. São Paulo: Editora Conrad.
- Arendt, H. (1995). *Verdade e política*. Lisboa: Relógio D'Água.

Ash, T. G. (2011). *Os fatos são subversivos. Escritos políticos de uma década sem nome*. São Paulo: Companhia de Letras.

Barthes, R. (1993). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

Bolsonaro, C. [@CarlosBolsonaro.] (4 de janeiro de 2019). O mundo não gira em torno do próprio umbigo, nem dos coleguinhas “intelectuais” que usam calcinha rosa e brincam de cabra cega no quarto escuro. As eternas prostitutas do poder, do dinheiro e não se importam com nada além disso. Twitter. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1081359576115695616>

Bolsonaro, C. [@CarlosBolsonaro]. (6 de janeiro de 2019). A mídia citou em tom crítico a participação de pessoas conservadoras e cristãs no Ministério que trata de Direitos Humanos. 2 pontos: é claro o preconceito contra quem professa sua fé e a ignorância sobre o importante papel social do cristianismo na promoção dos direitos humanos. Twitter. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1081359576115695616>

- twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1081953870966898688
- Bolsonaro, C. [@CarlosBolsonaro]. (13 de outubro de 2019). Quando é para usar minha casa e meu telefone para chegar perto do presidente parece uma cadela no cio (grifo nosso)! Diz defender Bolsonaro, imagino quem não defende! Se dizia Márcio França, quando Dória venceu, foi voando “conversar”, mesmo contra o Presidente! Conheço sua laia, canalha. Twitter. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1183445610340536322>
- Bolsonaro, C. (26 de junho de 2019,). O cabeça de balão do PT, o fofinho do PSOL e a verdade. [Atualização Facebook]. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://www.facebook.com/watch/?v=407682489840554>
- Bolsonaro, J. M. (outubro 8 de 2019). ‘Parem de perguntar besteira’, diz Bolsonaro sobre denúncias de tortura em presídios do Pará. Entrevista concedida a Guilherme Mazui. G1, Brasília. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/08/parem-de-perguntar-besteira-diz-bolsonaro-questionado-sobre-investigacao-de-tortura-em-presidios-do-para.ghtml>
- Bolsonaro, C. (13 de março de 2019). O Pitbul não morde. Entrevista concedida a Leda Nagle. [Arquivo de vídeo]. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://www.youtube.com/watch?v=5vihBffYe-qo&t=3s>
- Bulgákov, M. (2019). *O Mestre e Margarida*. São Paulo: Editora 34.
- Dewey, J. (2008). Liberalismo renascente. In A. de Franco, & T. Pogrebinschi (ed.). *Democracia cooperativa. Escritos políticos escolhidos de John Dewey*. (pp. 95-123). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Ferreira, G. B. (2002). Da potência da linguagem à libertação da subjetividade. In J. C. Correia (ed.). *Comunicação e poder*. (pp. 99-120). Covilhã/Portugal: Labcom. <https://doi.org/10.13140/2.1.1112.1920>
- França, V. R. Veiga. (2000). Comunicação e política: edifica-se uma tradição? *Anais do IX Compós*, Belo Horizonte, MG, Brasil, IX.
- Grossman, V. (2019). *Vida e destino*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Guimarães, L. (19 de outubro de 2019). Sob gritos de ‘mitinho’, Eduardo Bolsonaro repete gesto de Trump e convoca direita em evento ‘importado’ dos EUA. *BBC - News Brasil*. Consultado a 21 de novembro de 2020, em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50024632>
- Kolakowski, L. (1985). *O espírito revolucionário e marxismo: utopia e antiutopia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Strauss, A. L. *Espelhos e máscaras*. (1999). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Tchakhotine, S. (1967). *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

